

CULPABILIZAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO A PARTIR DA OBRA A ORIGEM DO MUNDO DE LIV STRÖMQUIST

Lyzandra Regina do Rego Souza¹

Rosângela Tenório de Carvalho²

RESUMO

O referente Trabalho de Conclusão de Curso constitui uma análise do enunciado da culpabilização da sexualidade feminina presente no ensaio gráfico *A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, da autora Liv Strömquist. Com o objetivo de compreender a culpa como um operador de dominação por meio da pedagogia cultural das histórias em quadrinhos, realizamos uma análise do discurso inspirada na perspectiva arqueológica foucaultiana. O estudo demonstra que a sexualidade feminina se tornou um território bastante utilizado para as instâncias médico-científica, religiosa e jurídica lançarem suas ideias acerca da sexualidade das mulheres. Esse enunciado opera não apenas por meio de proibições, mas, sobretudo, pela produção de subjetividades marcadas pela vergonha e pela culpa, que agem sobre os corpos femininos. Contudo, onde há relações de poder e dominação, há resistência. Assim, este trabalho se apresenta como uma forma de luta e enfrentamento às relações de poder que permeiam os homens e as mulheres.

Palavras-chave: culpa; gênero; história em quadrinhos; pedagogia; sexualidade.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo foca o olhar no ensaio gráfico³ *A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, da escritora e cientista política sueca, Liv Strömquist. A obra foi publicada no Brasil em 2018, pela editora brasileira Quadrinhos na Cia.

Os ensaios da Strömquist têm como fundamento as relações de gênero discutidas a partir de uma perspectiva política e feminista, com um tom satírico e humorístico. Durante a obra *A origem do mundo*⁴, a quadrinista apresenta a construção cultural em torno da genitália feminina

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: lyzandra.souza@ufpe.br

² Professora Doutora do Departamento de Ensino e Currículo da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: rosangela.carvalho@ufpe.br

³ Escolhemos nos referir a obra como um “ensaio gráfico” por entendermos que a autora realiza um texto opinativo expondo suas ideias e críticas sobre um determinado tema através da arte gráfica.

⁴ No decorrer deste artigo, a obra da Strömquist vai ser referida apenas como *A origem do mundo*.

desde a antiguidade até a contemporaneidade, mostrando como a dominação patriarcal controla os corpos⁵ das mulheres e cria um sistema binário de gênero, resultando no apagamento da genitália e sexualidade feminina.

Strömquist divide a história em quadrinhos em quatro segmentos: homens que se interessaram um pouco demais por aquilo que se costuma chamar de “genitália feminina”; o orgasmo; a menstruação e, por fim, a tensão pré-menstrual (TPM). Durante a leitura dos segmentos presentes na obra, identificamos o enunciado da culpabilização da sexualidade feminina, em que a autora discorre sobre a ideia de que, após o iluminismo, a sexualidade da mulher é considerada fraca ou até inexistente. A partir disso, essa ideia se tornou um indicador para distinguir homens e mulheres, ou seja, devido à falta de desejo sexual das mulheres, a sexualidade feminina dependia da intimidade emocional, enquanto a sexualidade masculina passou a ser sinônimo de força (Strömquist, 2018).

Sendo assim, os órgãos genitais e a sexualidade passaram a ser um território bastante utilizado para lançar ideias acerca da diferença entre homens e mulheres, logo, quando uma mulher não segue a lógica patriarcal de aniquilação de sua própria sexualidade, ela é taxada como tendo uma conduta divergente, de forma que a mulher é culpabilizada por ter a sua própria sexualidade. Neste trabalho, entendemos a questão de gênero como um saber sobre as diferenças sexuais, a partir de Scott (2017), sendo a primeira maneira de significar as relações de poder.

O questionamento acerca da questão da culpa enquanto uma estratégia de dominação masculina sobre as mulheres surge de estudos anteriores, inicialmente, na iniciação científica, em que realizei a pesquisa intitulada “O discurso curricular e a questão de gênero no Brasil no período 2016-2022”, na qual investiguei como o cenário conservador desse período influenciou o debate curricular e de gênero. Contudo, o encontro com as novelas gráficas enquanto um artefato cultural e o debate da culpa aconteceu em um estudo realizado para o Encontro de Pesquisas Educacionais em Pernambuco, em que analisei o discurso da culpabilização da mulher a partir da novela gráfica autobiográfica *Desconstruindo Una*.

A partir desses outros estudos e de autoras como Louro (1997), Butler (2023) e Scott (2017), busco compreender até que ponto a culpa mobiliza e atinge a construção da identidade feminina. À vista disso, essa pesquisa se preocupa em entender como a culpabilização da sexualidade feminina é utilizada enquanto um instrumento de dominação?

⁵ Aqui consideramos o corpo “não como uma superfície pronta à espera de significação, mas como um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas.” (Butler, 2023, p. 70)

A pesquisa assume, como objetivo geral, compreender a culpa como um operador de dominação por meio da pedagogia cultural das histórias em quadrinhos. Enquanto objetivos específicos, o estudo pretende: eleger um corpus, a partir da história em quadrinhos, para ser analisado e que ofereça potência ao tema proposto; identificar a formação dos objetos, das modalidades enunciativas e dos conceitos no enunciado e, por fim, ampliar o debate sobre as histórias em quadrinhos enquanto pedagogia cultural e a questão de gênero.

A fim de alcançar os objetivos propostos, faz-se necessário compreender, a princípio, por meio do conceito de pedagogia cultural, em que os conhecimentos das instâncias culturais são pedagógicos, capazes de ensinar algo e possuem um currículo. Isso porque, um dos resultados da *virada cultural* na teoria curricular foi a aproximação entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento cultural. Na versão pós-crítica do currículo, todo conhecimento que se constitui num sistema de significação é cultural, como os livros, filmes, música, entre outras instâncias (Silva, 1999). Portanto, a análise realizada neste estudo considera as histórias em quadrinhos como uma forma de pedagogia cultural, que ensinam uma gama de conhecimentos essenciais na formação das identidades e subjetividades (Silva, 1999).

Desde a pré-história é possível verificar registros de imagens com traçados representativos que agiam como símbolos. Gaiarsa afirma que: “Os acadêmicos... dizem que os desenhos famosos das cavernas pré-históricas - que foram a primeira história em quadrinhos...” (1970, p. 115). Podemos dizer que foi a partir dos “desenhos das cavernas” executados pelos seres da pré-história, que nasceram as primeiras sequências de imagens e proporcionaram inúmeros conhecimentos culturais. Assim, as histórias em quadrinhos são definidas como uma arte sequencial (Eisner, 2010), uma interação entre imagens e palavras que se “sobrepõem interpelando os seus leitores a adotar uma percepção estética e um esforço intelectual.” (Carvalho, 2023, p. 135).

A importância das HQs que abordam as questões de gênero, como em *A origem do mundo*, proporcionou não apenas a tradução da obra para o português, mas também a produção de estudos acadêmicos sobre o debate acerca da questão de gênero e as histórias em quadrinhos. Para dar conta de compreender o contexto da área, realizamos um mapeamento desses estudos a fim de levantar artigos, monografias ou dissertações que abordassem a temática em questão, utilizando os seguintes descritores: gênero; histórias em quadrinhos e arte gráfica, no marco temporal de 2014-2024.

A busca foi realizada em revistas Qualis Capes A1 e A2 da área educacional e curricular. O sistema que classifica a produção científica dos programas de pós-graduação brasileiros, Qualis

Capes, possui uma legitimidade que lhe confere um discurso de verdade, razão pela qual realizamos a seleção das revistas a partir dessa classificação.

As revistas selecionadas foram: Educação e Pesquisa; Educação e Realidade; Currículo sem Fronteiras e e-Curriculum. Contudo, não foram encontrados estudos nessas revistas, o que nos revela que a arte gráfica enquanto um artefato cultural potente para as questões de gênero não é um objeto de investigação amplamente explorado no campo educacional e curricular, a produção sobre a questão de gênero, vinculada às linguagens gráficas, ainda é relegada a um lugar periférico no debate acadêmico.

Além das revistas, também utilizamos o portal eletrônico *Google Acadêmico*, no qual foram encontrados e selecionados 7 estudos, sendo 4 artigos, 2 dissertações e 1 monografia. Organizamos os trabalhos encontrados no quadro abaixo:

Quadro 1 – Estudos selecionados

| Autor e ano | Título do artigo |
|----------------------------------|---|
| (PRUDENTE, 2023) | O grito das minas nas HQs: Um estudo etnográfico sobre gênero e produção gráfica narrativa. |
| (CASELLA, 2017) | A representação feminina nas histórias em quadrinhos do Brasil e da América Latina. |
| (FERREIRA; LIMA; MICHELON, 2016) | Análise gráfica para reflexões de gênero: o caso dos <i>almanachs</i> de pelotas (1913-1935). |
| (CARVALHO, 2018) | Sem linhas retas: gênero e sexualidade nos quadrinhos. |
| (CARVALHO; SANTOS; SANTOS, 2019) | Novela gráfica e diferença cultural. |
| (ARAÚJO, 2018) | O feminino contemporâneo em <i>Vitória Valentina</i> , de Elvira Vigna. |
| (SALES, 2018) | Cultura do outro, memória e representatividade na novela gráfica <i>Broderies</i> , de Marjane Satrapi. |

Fonte: Autora

A princípio percebemos que os trabalhos selecionados foram publicados apenas a partir do ano de 2016, ou seja, houve uma emergência de estudos abordando a questão de gênero e a arte gráfica, isso pode estar relacionado ao fortalecimento das pautas feministas e de gênero, junto ao impacto do meio digital que, devido a globalização, faz com que os espaços de circulação dessas pautas sejam maiores, possibilitando que as HQs feministas chegassem a públicos mais amplos, extrapolando os circuitos tradicionais da academia e da cultura de massa.

Além disso, por muito tempo, as histórias em quadrinhos não foram reconhecidas enquanto um artefato legítimo e potente para a produção de saberes e reflexões sociais. De acordo com

Carvalho *et al.* (2019), na prática educacional escolar há diversas narrativas em disputa, há os textos ditos “didáticos” e os “literários”, que adentram ou não o espaço escolar, mas, nas últimas décadas, houve a inserção da literatura clássica nos campos disciplinares como objeto de saber relevante, contudo, as artes sequenciais ainda entram nesse contexto de disputa entre o que é considerado “literatura maior” e “literatura menor”.

Em suma, os estudos compartilham uma perspectiva crítica acerca das HQs como um meio de expressão política de gênero e sexualidade, em que os conceitos de heteronormatividade, patriarcado, interseccionalidade e a representação da identidade feminina são embargados. O levantamento da produção acadêmica nos possibilitou identificar de que forma esse objeto de pesquisa vem sendo abordado, percebendo a existência de aspectos que necessitam de aprofundamento no que diz respeito às questões de gênero e as artes gráficas.

Apesar da disputa curricular entre os textos ditos “didáticos” e “literários”, as histórias em quadrinhos passaram a fazer parte dos títulos adquiridos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/MEC) em 2006, o que significa que há uma projeção desse gênero literário dentro das escolas para crianças e jovens. Logo, se faz extremamente necessário o estudo sobre as histórias em quadrinhos enquanto um artefato cultural que produz sujeitos no que diz respeito aos discursos sobre gênero.

Portanto, utilizando como aporte teórico os estudos feministas e de gênero, a versão pós-crítica do currículo e uma aproximação com a proposta arqueológica do discurso Foucaultiana, a pesquisa traz um debate bibliográfico sobre o tema e analisa o enunciado da culpabilização da sexualidade feminina presente no ensaio gráfico *A origem do mundo*, a fim de discutir a pedagogia cultural das histórias em quadrinhos e a sua relação com a questão de gênero.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Delimitamos a fundamentação teórica em duas categorias: o conceito de pedagogia cultural e as Histórias em Quadrinhos (Eisner, 2010; Garcia, 2012; Silva, 1999), a fim de compreendermos a relação entre pedagogia e cultura; e os conceitos de gênero e sexualidade (Butler, 2023; Louro, 2000; Scott, 2017), que permitirá o entendimento acerca dos fundamentos das relações de gênero e sexualidade.

2.1 As histórias em quadrinhos como pedagogia cultural

Os estudos do campo educacional estiveram por muito tempo focados na instituição escolar como lugar prioritário de produção de conhecimento pedagógico e curricular. A compreensão de que o processo de ensino e aprendizagem ocorre em diversos lugares e não apenas na escola não era difundida no campo da educação como hoje. Assim, se faz necessário pensar e focar a atenção para outros espaços que também produzem saberes, como as mídias, filmes, livros, entre outras instâncias (Silva, 1999).

Ainda de acordo com Silva, a aproximação entre o conhecimento acadêmico, escolar e cultural deu-se por meio da *virada culturalista* na teorização curricular e, sob a égide dos Estudos Culturais, todo conhecimento que se constitui em um sistema de significação é cultural e está vinculado às relações de poder. Partindo disso, o termo *pedagogia cultural* começa a emergir no cenário acadêmico brasileiro no fim dos anos 1990, em que a ampliação da noção de lugares de aprendizagem e as contribuições do educador Henry Giroux, foram essenciais para o desenvolvimento do conceito (Costa; Andrade, 2017).

Se o conceito de *cultura* permitiu a aproximação da educação a outras instâncias culturais, é o conceito de *pedagogia* que permite compreender que os processos culturais também são pedagógicos, são capazes de ensinar algo e possuem um currículo (Silva, 1999). A pedagogia e a cultura estão envolvidas em processos de subjetivação e formação da identidade, além de estarem envolvidas em relações de poder. Segundo Silva (1999, p. 139): “ao mesmo tempo que a cultura em geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural.”. A partir dessa perspectiva desenhada por Tomaz Tadeu, trabalharemos com a equiparação dos processos escolares aos processos de sistemas culturais extraescolares.

Neste estudo, tomamos os livros, em específico as Histórias em Quadrinhos (HQs), como campo de pesquisa que produz conhecimentos culturais acerca das representações de gênero. Eisner (2010, p. 1) afirma que as primeiras revistas em quadrinhos aludem aos anos 30 do século XX, assumindo característica de linguagem que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. Por isso, desde a sua primeira aparição, essa forma de leitura popular encontrou um público em sua maioria de jovens, pois é esperado que os leitores modernos compreendam de maneira mais fácil a mistura da imagem-palavra.

No campo educacional e da política curricular brasileira, os quadrinhos passaram a fazer parte dos títulos adquiridos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/MEC) em 2006, o que significa que há uma projeção das histórias em quadrinhos para as crianças e jovens nas escolas brasileiras. Isso porque, como afirmou Eisner, esse tipo de leitura é atrativo para o público mais jovem, sendo as HQs uma das principais fontes de formação de leitores, por se tratar de uma literatura que introduz as crianças ao universo da leitura, de acordo com Carvalho: “Nossa tarefa com a novela gráfica é argumentar em defesa de sua inserção nas práticas educativas, escolares ou não escolares, incluí-la como um artefato cultural com potencial para o prazer da leitura” (2019 *apud* BARTHES, 1977, p. 16).

As Histórias em Quadrinhos são definidas por Eisner como arte sequencial, e lidam com dois importantes dispositivos de comunicação textual: as palavras e as imagens, que fazem parte desse cenário no qual ocupam um lugar significativo na cultura. O autor descreve esse artefato cultural como uma linguagem: “Em sua expressão mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e mais vezes para expressar ideias semelhantes, tornam-se uma linguagem - uma forma literária, se se preferir.” (Eisner, 2010, p. 2). Em nosso trabalho, as HQs, para além das características apresentadas por Eisner, são vistas também como discursos, entendidos aqui como um agrupamento de enunciados que se firmam numa mesma formação discursiva e tem o enunciado como unidade elementar (Foucault, 2008).

De acordo com Garcia (2012, p. 173-174), foi na década de 1970, que a consciência de gênero chegou às histórias em quadrinhos, temas como o aborto, lesbianismo e os abusos sexuais infantis introduziram uma consciência política mais severa às HQs. Foram as mulheres quadrinistas que adentraram o meio dos quadrinhos e introduziram essa consciência política, como é possível observar hoje no ensaio gráfico *A origem do mundo*. A contracultura dos anos 1950 influenciou o movimento dos quadrinhos underground, os quais se distinguiram rapidamente por sua rebelião a moral vigente, utilizando os temas do sexo e sexualidade para se diferenciar das histórias em quadrinhos infantis. Antes disso, os quadrinhos eram marcados pelos super-heróis, mas outros gêneros começaram a surgir e abrir espaço para as HQs de adolescentes, de terror, guerra, entre outros (Garcia, 2012).

Assim, reconhecer as Histórias em Quadrinhos enquanto um artefato cultural produtor de conhecimento de gênero é fundamental para a pesquisa atual. Analisar as HQs sob a perspectiva da pedagogia cultural implica reconhecer que esse artefato possui uma pedagogia e um currículo,

que é capaz de ensinar e transmitir saberes (Silva, 1999), trazendo novas percepções aos seus leitores sobre determinados assuntos. Por isso, este estudo busca difundir, no campo educacional e curricular, o debate acerca dos diversos lugares em que o ensino pode ocorrer, sendo as Histórias em Quadrinhos uma dessas instâncias que possuem relação com a dinâmica cultural e com as relações de poder presentes na sociedade.

2.2 Estudos feministas e de gênero: resistência

O conceito de gênero que pretendo utilizar neste estudo está diretamente ligado à história do movimento feminista contemporâneo. Parte integrante desse movimento, ele está envolvido política e linguisticamente em suas lutas e, para melhor entender o momento e o significado de sua incorporação, é preciso que voltemos um pouco no tempo.

De acordo com Louro (1997), foi a partir do século XIX, com o movimento sufragista, que as manifestações contra a discriminação feminina ganharam visibilidade, isso porque a primeira onda feminista era destinada ao reconhecimento de direitos legais, como o direito ao voto e questões ligadas a oportunidades de estudo e trabalho. Sendo no final da década de 60, a partir da segunda onda feminista, que as mulheres começam a reivindicar outras questões voltadas para a teoria, como o conceito de gênero (Louro, 1997).

Concordamos com a autora quando enfatiza que se tornou lugar comum se referir aos anos 1960 como um marco de lutas e reivindicações, em todo o mundo os grupos minoritários demonstraram sua inconformidade em relação as estruturas sociais e políticas, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. Nesse contexto de mudanças, o movimento feminista surge expressando suas questões através de marchas e protestos, mas também através dos livros, jornais e revistas (Louro, 1997).

A conceitualização da palavra “gênero” surge nessa conjuntura, tendo feito sua primeira aparição entre as feministas americanas, que desejavam ressaltar o caráter social e cultural das distinções baseadas no sexo (Scott, 2017). Ainda de acordo com Scott, a palavra “gênero” apontava uma negação ao determinismo biológico subtendido na utilização de termos como “sexo” ou “diferença sexual”, usados para justificar a diferença entre homens e mulheres. A partir do que foi exposto, entendemos por gênero:

(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional. (Scott, 2017, p. 86)

Dessa forma, o gênero é uma teoria explicativa dos processos sociais e culturais de construção do masculino e feminino, utilizada para normalizar e hierarquizar, mas também pode ser ressignificada para acolher as diferenças existentes.

Já a sexualidade é um conceito comumente considerado como algo inato, naturalmente concebido aos homens e mulheres, essa ideia corrobora com a exclusão da dimensão social e política da sexualidade. Por isso, concordamos com Louro quando afirma que a sexualidade “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais.” (2000, p. 6). Assim, a partir dos processos culturais, os corpos podem possuir sentido socialmente, o gênero passa a existir como uma marca da cultura sobre as mulheres e homens, a partir disso, compreendemos que o gênero e a sexualidade são permeados por relações sociais de poder.

É no âmbito da cultura que se definem as identidades sociais, neste caso as de gênero e sexualidade, sendo essas distintas identidades que constituem os sujeitos, na medida em que esses fazem parte de grupos sociais (Louro, 2000). Quando questionado sobre a sua obra História da Sexualidade, Foucault respondeu que pretendia escrever uma arqueologia do discurso sobre a sexualidade e que esse discurso era "uma relação entre o que fazemos, o que estamos obrigados a fazer, o que nos está permitido fazer, o que nos está proibido fazer no campo da sexualidade; e o que está proibido, permitido, ou é obrigatório dizer sobre nosso comportamento sexual" (Foucault, 1996, p. 96).

Nesse sentido, a relação entre o que nos é permitido ou proibido fazer no campo da sexualidade é o que define os discursos sobre a sexualidade. Em nossa sociedade existem diversas maneiras de proibir ou permitir a ação da sexualidade, uma delas é a que Judith Butler (2023) chama de “matriz heterossexual”, ou seja, uma imposição da heterossexualidade como norma. Essa matriz não é naturalmente concebida, mas se forma em um sistema que regula e assujeita os corpos, no qual existem apenas dois gêneros e uma única sexualidade legítima: a heterossexual. O sistema binário e heteronormativo impõe que os corpos femininos e masculinos existam apenas dessa

maneira, assim, a proibição é uma forma de poder, que faz com que qualquer outra maneira de existir não seja válida.

Assim, a sexualidade adquiriu centralidade na sociedade moderna, e, nos últimos anos, assistimos a tentativa de enfraquecimento das pautas e lutas dos movimentos feministas e *queers*, por grupos reacionários que tentam adentrar nos currículos escolares a fim de controlar e impedir que os temas de gênero e sexualidade sejam discutidos e trabalhados nas escolas (Caldeira; Paraíso, 2018). Por isso, essa pesquisa se apresenta como uma resistência a esses movimentos conservadores, trabalharemos com a temática de gênero e sexualidade, pois se faz necessário estudos na área do currículo e gênero, para reivindicarmos ainda mais o espaço acadêmico. Obras como *A origem do mundo*, desafiam a lógica heteronormativa e binária de gênero, quando abordam o fundamento das relações de gênero discutidas a partir de uma perspectiva política e feminista.

3. FUNDAMENTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa consiste em uma investigação sobre educação e adota uma abordagem qualitativa, aqui entendida como aquela que se ocupa do nível subjetivo da realidade social e trabalha com o universo de significados, compreendendo que os fenômenos são profundos e não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, ou seja, é um “(...) modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.” (Severino, 1994, p. 103).

Quanto ao seu objetivo, esta pesquisa se classifica como descritiva, pois detalha e descreve as características de determinada população ou fenômeno (Gil, 2008, p. 28), aqui investigamos o fenômeno da culpa enquanto um instrumento de dominação nas relações de gênero. Para tanto, utilizamos a análise do discurso foucaultiana, que permite não apenas descrever um enunciado, mas, sim, reescrevê-lo, evidenciando todo um discurso de verdade que sustenta o enunciado da culpabilização da sexualidade feminina.

Com referência à natureza da pesquisa, tem-se a pesquisa documental, uma vez que analisamos documentos que não foram elaborados com fins científicos, neste caso o ensaio gráfico *A origem do mundo*, ou seja, “os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.” (Severino, 1994, p. 107). Assim, o ensaio gráfico se apresenta como um artefato cultural que possibilita a análise das condições de sua produção de sentidos sobre gênero e sexualidade,

funcionando como um documento social que tensiona e ressignifica práticas e saberes historicamente consolidados.

Em relação às técnicas de pesquisa, ainda de acordo com Severino (1994, p. 107), “são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas”, aqui, realizamos uma análise documental, sendo o documento toda forma de registro de informações, em que o pesquisador dá as suas condições de análise. O método de análise do enunciado utilizado nesta pesquisa é inspirado na perspectiva analítica do discurso de Michel Foucault (1996), que considera os discursos como práticas que obedecem a regras que definem as condições de sua produção.

Os discursos serão analisados aqui a partir dos enunciados, os quais são tratados como um acontecimento, unidade elementar do discurso, tendo em vista que se isola em si próprio e relaciona-se com outros discursos semelhantes a ele (Foucault, 2008). Sendo assim, a análise engloba a emergência de novos objetos de saber, em busca de identificar as cercas que foram traçadas em torno de tais discursos e as formações discursivas que trazem a legitimidade.

É importante ressaltar que o foco da análise a ser desenvolvida não é identificar a origem do discurso, mas, sim, as superfícies primeiras de sua emergência, “mostrar onde podem surgir, para poderem, em seguida, ser designadas e analisadas essas diferenças individuais [...]” (Foucault, 2008, p. 46), portanto, demarcar a emergência do enunciado é o passo inicial. As posições do sujeito também são importantes nesta análise, uma vez que os lugares que os sujeitos ocupam não são fixos a depender do discurso, isso porque existe todo um feixe de relações de poder em jogo (Foucault, 2008, p. 59). O que nos possibilita compreender qual a posição do sujeito mulher no discurso a ser analisado, aspecto fundamental para a pesquisa.

Além disso, um discurso não se fundamenta isoladamente, são necessários enunciados de diversos campos do saber que o legitime e o transforme em verdade, essas são as formas de coexistência de um campo enunciativo, além disso, os lugares institucionais que esses enunciados coexistem também são fundamentais para a pesquisa, pois trazem legitimidade para o discurso.

Neste estudo atuamos com uma visão de que não interessa o autor do discurso como sujeito fundador, mas como “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (Foucault, 1996, p. 26), isso porque o discurso tem uma importância e autoridade inerente ao saber, independente do sujeito.

A escolha pela análise do discurso Foucaultiana está ligada ao objetivo desta pesquisa em compreender os efeitos de verdade, os regimes de saber-poder e os processos de subjetivação que

o discurso sobre gênero produz, o foco está menos no conteúdo dos textos e mais em como eles produzem e operam saberes.

Em síntese, a análise engloba a emergência de novos objetos de saber no campo de conhecimento pesquisado, a identificação da formação dos objetos, das modalidades enunciativas e dos conceitos no enunciado e, por fim, a ampliação do debate sobre as histórias em quadrinhos enquanto pedagogia cultural e a questão de gênero. A pesquisa tem como materialidade o ensaio gráfico *A origem do mundo* e, a partir da obra, foi organizado um corpus contendo os principais quadrinhos que dão força e legitimidade ao enunciado da culpabilização da sexualidade feminina enquanto um instrumento de dominação.

4. A SEXUALIDADE FEMININA EM DISPUTA: UMA ANÁLISE

A princípio é importante situar o cenário discursivo em que a obra *A origem do mundo* se encontra, a fim de compreender como as questões trazidas na obra da Strömquist fazem parte de um espaço contemporâneo de crítica aos discursos médico-científicos, religiosos e jurídicos sobre a sexualidade feminina, principalmente entre os séculos XVI e XX. Essa crítica parte de um ponto de vista político e feminista, assim, a HQ se encontra em um cenário discursivo marcado pelo debate feminista e de gênero sobre a posição do sujeito mulher enquanto um ser que possui corpo e sexualidade, permitindo a emergência de novos enunciados que confrontam o passado e colocam em xeque os discursos dominantes sobre a sexualidade feminina.

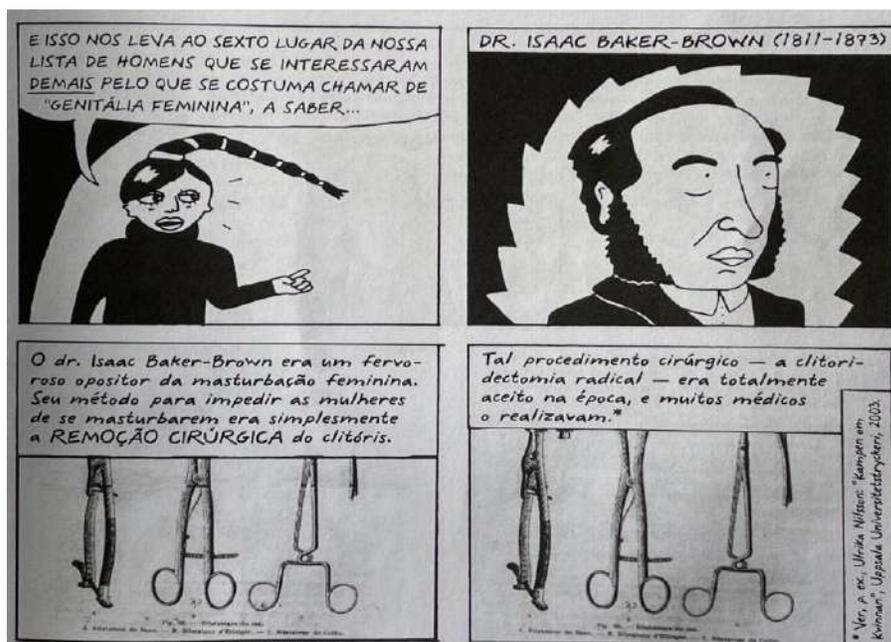
Strömquist (2018) divide o ensaio gráfico em quatro segmentos: *homens que se interessaram um pouco demais por aquilo que se costuma chamar de “genitália feminina”*, em que ela nos apresenta figuras masculinas que se dedicaram a investigar e classificar os corpos femininos; *orgasmo*, nesse segmento a autora questiona por que há uma diferenciação entre o prazer masculino e o feminino; *menstruação*, aqui nos é apresentado como a menstruação se torna um tabu nas sociedades ocasionando vergonha e culpa nas mulheres; por fim, há o último segmento, *TPM*, em que a autora aborda como a questão da TPM foi construída socialmente para diferenciar os corpos femininos dos masculinos e justificar a manutenção da mulher enquanto o “outro” em relação ao homem.

A autora inicia o primeiro segmento com quadrinhos contendo imagens de médicos que tinham como área de interesse a genitália feminina, ou melhor, tinham como interesse impedir as mulheres de tocarem a sua própria genitália. Aqui não consideramos o médico enquanto sujeito

criador, mas como uma função no interior de um regime de discurso, assim, temos que deslocar o olhar do indivíduo (médico) para o funcionamento do discurso médico-científico enquanto prática discursiva que produz efeitos de verdade (Foucault, 1996).

Na imagem apresentada abaixo, veem-se os instrumentos utilizados nos procedimentos cirúrgicos realizados em mulheres por diversos motivos como “histeria, dor de cabeça, depressão, perda de apetite e desobediência.” (Strömquist, 2018, p. 10).

Figura 1 - Clitoridectomia



Fonte: Strömquist (2018, p. 9)

Parece perturbadora a realidade em que uma cirurgia de remoção de clitóris era socialmente aceita, um procedimento de mutilação genital realizado em mulheres sob o pretexto de tratar comportamentos considerados “desviantes” da norma. Essa representação gráfica evidencia o modo como o discurso médico-científico se materializa em tecnologias de controle do corpo feminino, esse procedimento cirúrgico deve ser lido enquanto uma prática discursiva que classifica o prazer feminino como patologia, que incide sobre os corpos das mulheres afirmando a autoridade masculina médico-científica sobre a sexualidade feminina. Ainda no primeiro segmento, há os seguintes quadrinhos:

Figura 2: Lei do divórcio 1857



Fonte: Strömquist (2018, p. 10)

Podemos perceber na figura acima a reafirmação da autoridade masculina no discurso médico-científico uma vez que os procedimentos cirúrgicos poderiam ser realizados, desde que houvesse a autorização do marido. Ou seja, ao nosso olhar, a sexualidade feminina tornou-se um território bastante utilizado para a instância médica e familiar lançarem suas maneiras de aniquilação da sexualidade das mulheres. Assim, o enunciado da culpabilização da sexualidade feminina emerge a partir desse discurso médico-científico, possuindo o poder de classificar a sexualidade como normal ou patológica. No século XVIII, de acordo com Foucault (1988, p. 28), o sexo se torna uma questão de “polícia”, isto é, ocorre a regulação da sexualidade mediante discursos úteis e públicos e não apenas pelo rigor de uma proibição, a sexualidade passa a ser um objeto de saber científico da sexualidade moderna.

É a partir de uma perspectiva biopolítica que se origina o dispositivo moderno da sexualidade, isso porque com o surgimento da “população” enquanto um problema político e econômico, as questões de ordem sexual começam a adentrar o campo da medicina: a análise da taxa de natalidade, idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, e até a ocorrência

de práticas contraceptivas, através dessa economia da população praticada pelo Estado e legitimada pelo campo médico se estabelece um emaranhado de observações sobre a sexualidade (Foucault, 1988), como pode ser observado na imagem abaixo.

Figura 3 - Século das Luzes

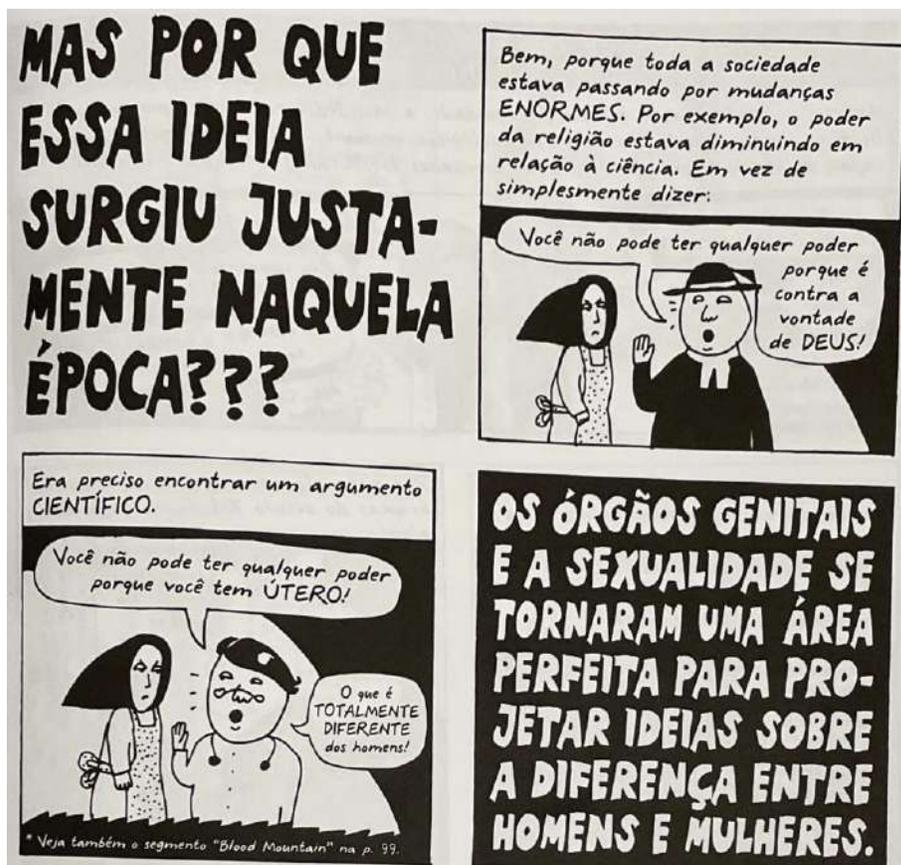


Fonte: Strömquist (2018, p. 62)

Antes do Iluminismo, movimento intelectual e filosófico marcado pela valorização da razão, do pensamento e da ciência, a maneira como se via o corpo feminino e o corpo masculino era a partir de uma lógica de similaridade anatômica, como aponta a autora “(...) o corpo da mulher e o corpo do homem tinham sido vistos como IGUAIS.” (Strömquist, 2018, p. 62).

As imagens representadas pela quadrinista dos livros médicos do século XVI denotam como o corpo da mulher era considerado uma versão “menos perfeita” do corpo do homem, havia apenas um sexo biológico, o masculino, sobre o qual o feminino é o outro. Ou seja, nessa concepção há o fundamento da igualdade, no qual a norma é o corpo masculino, e a mulher é diferente comparada a essa norma. Isso revela como o discurso médico-científico opera em um regime de verdade (Foucault, 1996), o qual transforma a sexualidade feminina em um objeto de controle e classificação.

Figura 4 - Século das Luzes



Fonte: Strömquist (2018, p. 67)

Como apresentado na figura 4, no fim do século XVIII, com o advento do Iluminismo, ocorre um deslocamento na produção de saberes sobre a sexualidade, isso porque houve um rompimento dos ideais religiosos que dá lugar ao discurso médico-científico, como aponta Strömquist (2018, p. 67), “era preciso encontrar um argumento científico”. Contudo, a sexualidade já era um território bastante utilizado para lançar ideias acerca da diferença entre homens e mulheres, uma vez que o discurso religioso considerava a sexualidade feminina como fruto de impureza e corpo da mulher como sinônimo de pecado, utilizando o mito de Adão e Eva como justificativa para a repressão da sexualidade, principalmente a feminina.

Nesse contexto de transformação social trazido pelo Iluminismo, há também uma mudança na autoridade daquele que pode dizer, o poder de nomear, classificar e normatizar os corpos das mulheres, que antes estava concentrado na figura do padre, passa a ser exercido pelo médico, essa transição não elimina o controle, mas o ressignifica: o que antes era pecado, agora se torna doença ou desvio da norma, e isso precisa ser ocultado, como mostra a figura abaixo.

Figura 5 – Culpa e vergonha



Fonte: Strömquist (2018, p. 89)

O fato de Eva e Adão confeccionarem “tapa-sexos” é a primeira marca discursiva da genitália como esse objeto que precisa ser ocultado e que é associado à vergonha. Como aponta Fischer (1995), o discurso não é um mero sistema de signos, mas uma prática que constitui aqueles objetos que ele fala, nesse sentido, a vergonha e a culpa não são naturais, mas um efeito da subjetivação que incide sobre os corpos femininos. Como afirma Louro (2000), a partir dos processos culturais, os corpos possuem sentido socialmente, assim, a vergonha e a culpa passam a existir como uma marca da cultura binarista de gênero sobre as mulheres e homens

A partir da coexistência com o discurso jurídico, há um objetivo em “fazer da sexualidade um objeto de vergonha” e “uma questão de Estado” (Federici, 2017, p. 80-82), na realidade brasileira contemporânea há diversas limitações no que se refere a sexualidade da mulher, como a criminalização do aborto e a culpabilização de vítimas de violência (Oliveira, 2020), as práticas institucionais operam sob uma lógica de controle dos corpos das mulheres. Assim, a culpabilização da sexualidade feminina, legitimada em diversos lugares institucionais, age como um instrumento de dominação masculina em relação às mulheres.

Figura 6 – Vergonha e culpa



Fonte: Strömquist (2018, p. 101)

A cena representada no quadrinho acima evidencia que, até mesmo o fenômeno da menstruação, é um marcador de vergonha e culpa para as mulheres. O medo de “vazar” não é apenas o medo da mancha no tecido, mas um efeito de subjetivação que, historicamente, produziu a mulher como esse “sexo frágil” por menstruar e, conseqüentemente, engravidar, fazendo com que ela fosse caracterizada como emocionalmente instável e socialmente inferior. Ontem, as mulheres foram chamadas de bruxas, frígidas e histéricas; hoje, continuam a serem vistas como loucas, devassas e interesseiras, há uma materialidade repetível que opera como marcas que se reiteram historicamente para controlar corpos que não se adequam a uma matriz heterossexual masculina (Butler, 2023).

Assim, percebemos quando, ainda hoje, ao culpabilizar vítimas de violência de gênero questionando suas roupas e comportamentos, a vergonha e a culpa são reinscritas como partes estruturantes da experiência do “ser mulher” (Oliveira, 2020). O caminho percorrido pela Strömquist durante o ensaio gráfico não apenas ilustra, mas torna visível como o discurso opera no controle dos corpos femininos. Esse controle não se dá apenas pela força bruta, mas pela produção

de instrumentos de dominação da subjetividade, como a culpa e vergonha, que, historicamente, sustentaram a dominação masculina sobre a sexualidade feminina.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo, buscamos compreender de que maneira o discurso da culpabilização da sexualidade feminina opera enquanto um instrumento de dominação masculina, analisando, por meio da perspectiva analítica do discurso foucaultiana, o ensaio gráfico *A origem do mundo*, de Liv Strömquist. A partir da análise concretizada neste artigo, percebemos que a sexualidade feminina, ao longo da história, foi transformada em um território de disputa, controle e patologização, o enunciado da culpabilização da sexualidade feminina é legitimado por diversos campos de saber, tais como o discurso médico-científico, religioso e jurídico.

O enunciado da culpabilização da sexualidade feminina, enquanto prática discursiva que age sobre os corpos femininos, opera não apenas por meio de proibições, mas sobretudo pela produção de subjetividades marcadas pela vergonha e pela culpa como mostrado nos quadrinhos da Strömquist. Esse processo de subjetivação não é natural e pode ser percebido quando há o descrédito de vítimas de violência de gênero, em que os homens não conseguem “controlar-se”, enquanto as mulheres sofrem julgamentos pautados na moralidade. Assim, as mulheres são historicamente adjetivadas como sujeitos desviantes da norma, histéricas, frígidas, impuras, entre outros nomes, e, por meio da materialidade repetível, aparecem em diferentes momentos e contextos, mas mantém a sua função de produzir efeitos de verdade sobre os corpos feminino.

Além disso, a análise permitiu compreender como as artes gráficas constituem um potente artefato cultural e pedagógico capaz de tensionar os discursos hegemônicos, produzir discursos e gerar reflexões críticas para os seus leitores. A partir da análise do ensaio gráfico, compreendemos que, onde há relações de poder e dominação, há resistência, assim como Foucault (2009) nos orientou, a resistência é a luta e o afrontamento às relações de poder, nesse caso, a obra *A origem do mundo* é uma resistência ao poder dos homens sobre as mulheres.

Por fim, este trabalho não se propõe a esgotar o debate na área curricular e de gênero, mas, ao contrário, abrir possíveis caminhos para que análises sobre as questões de gênero e sexualidade, junto com os seus efeitos e suas resistências, continuem sendo levantadas em espaços acadêmicos, especialmente no campo educacional e curricular. Como nos alertou Caldeira e Paraíso (2018), há uma importância ética e vital em resgatar pesquisas que abordem as questões de gênero e

sexualidade, quando os estudos acadêmicos denunciam a tentativa conservadora de enfraquecer esse debate há, também, uma prática política de resistência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. D. DE.; COSTA, M. V.. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, v. 42, n. 3, p. 987-1008, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/FTppyqQTJpM7YVWxWvmTj8S/>. Acesso em: 5 dez. 2024.

ARAUJO, Herbert Sousa de. O feminino contemporâneo em *Vitória Valentina*, de Elvira Vigna. Orientadora: Rosângela de Melo Rodrigues. 2018. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/28682/HERBERT+SOUZA+DE+ARAUJO+-+MON.+LIC.+L%C3%8DNGUA+PORTUGUESA+CH+2018.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 mar. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 25. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CHAUÍ, M. “Participando do Debate sobre Mulher e Violência”. In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher 4*, São Paulo, Zahar Editores, 1985.

CALDEIRA, Maria Carolina da Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

CARVALHO, Monique Malcher de. Sem linhas retas: gênero e sexualidade nos quadrinhos. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. 2018, São Paulo, **Anais**. Disponível em: https://jornadas.eca.usp.br/anais/5asjornadas/q_historia/monique_malcher.pdf Acesso em: 20 mar. 2025.

CARVALHO, Rosângela Tenório de. Pedagogia de guerrilha contra a tirania da imagem: a HQ na sala dos espelhos de Liv Stromquist. **Revista Textura**, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 64, p. 129-161, out./dez. 2023.

CARVALHO, R. T.; SANTOS, G. T.; SANTOS, W. C.. Novela Gráfica e Diferença Cultural. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, v. 11, n. 23, p. 13-27, jan./abr. 2019.

CASELLA, Rosa Alicia Nonone. A representação feminina nas histórias em quadrinhos do Brasil e da América Latina. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM

QUADRINHOS. 2017, São Paulo, **Anais**. Disponível em: https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais4asjornadas/q_1_generos/rosa_alicia_casella.pdf Acesso em: 20 mar. 2025.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, C. F.; LIMA, P. G.; MICHELON, F. F.. Análise gráfica para reflexões de gênero: o caso dos Almanachs de Pelotas (1913-1935). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 2016, Belo Horizonte, **Anais**. [...] Belo Horizonte: Blucher Design Proceedings, 2016. p. 549-558. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6877/Analise_grafica_para_reflexoes_de_gen_ero.pdf?sequence=1 Acesso em: 20 mar. 2025.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 11 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Diálogo com Stephen Riggins. In Gregorio Kaminski (org.). *El yo minimalista. Conversaciones con Michel Foucault*. Buenos Aires: La marca, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GAIARSA, José. Desde a Pré-História até McLuhan. In: MOYA, Álvaro (Org.). *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, p. 115-120, 1970.

GARCÍA, S. A novela gráfica. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

OLIVEIRA, Lorena de. A sexualidade feminina no Brasil: controle do corpo, vergonha e má-reputação. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 99–117, jun./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/42440/23703> Acesso em: 11 jun. 2025.

PRUDENTE, LUCIANE SILVA DE SOUZA. “**O grito das minas nas HQs**”: um estudo etnográfico sobre gênero e produção gráfica narrativa. Orientador: Glauco Batista Ferreira. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/3949> Acesso em: 20 mar. 2025.

SALES, Albenise Mariana de Queiroz. Cultura do outro, memória e representatividade feminina na novela gráfica *Broderies*, de Marjane Satrapi. Orientadora: Josilene Pinheiro-Mariz. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/12197/ALBENISE%20MARIA%20DE%20QUEIROZ%20SALES%20%E2%80%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20PPGLE%20CH%202018.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em: 20 mar. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 9 nov. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STROMQUIST, Liv. **A origem do mundo**: uma história cultura da vulva ou vagina vs. o patriarcado. Tradução de Kristin Lie Garrubo. 1. ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

OLIVEIRA, Lorena de. A sexualidade feminina no Brasil: controle do corpo, vergonha e má-reputação. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 99–117, jul./dez. 2020.